

Anotações sobre aspectos temáticos e contextuais da violência: vetores sugestivos



José Carlos de Paula Carvalho ¹

O fenômeno (as manifestações) e a instituição (os institutos, as regras canalizando institucionalmente a agressividade através de “confrarias”) do trote fazem ressaltar uma rica problemática quando considerados sob a ótica da “violência originária” e da “destrudo”, do “imaginário do anômico / a-estrutural”, dos “ritos de iniciação” e suas “transferências míticas” no “liminóide” dos “rituais de rebelião” / “rituais de inversão”, todos eles fatores que emergem numa “sociedade urbano-industrial” que, por ter perdido as instituições e o espaldar da “tradição” das sociedades “arcaicas”, instaurando-se o “vazio institucional”, apresenta-se como uma “heterocultura” e um “bricolage”, por onde, nessa atmosfera de “desencantamento de mundo”, irrompem a “Sombra Coletiva” e o pano de fundo mais amplo da “problemática do Mal”.

Alguns pontos merecem ser repensados na dinâmica violência / agressividade / destrudo / iniciação / trote...ecologia mental da angústia e da morte / problemática do Mal / Sombra Coletiva...corporeidade.

1 Eliade mostrou que a iniciação é uma “mutação ontológica de estado / estatuto”, destacando-se sobretudo os “ritos de iniciação da puberdade e da adolescência” ao estado adulto; nas sociedades tradicionais são os ritos de iniciação que regulam a dinâmica sócio-psico-organizacional, aqui no caso das “classes de idades”; mas têm a sustentá-los todo o respaldo de uma “metafísica sócio-cultural”, que canaliza de modo construtivo a agressividade e a violência, precisamente através daquilo que, dentre outros, Zahan e Erny chamaram de “sociedades ou confrarias iniciáticas” e “pedagogias iniciáticas”.

¹ Filósofo e Antropólogo, professor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Coordenador de Projeto Integrado Interinstitucional “Violência, imaginário e educação”, FEUSP/CNPq.

Se os “ritos de passagem” (Van Gennep), de um a outro estado, comportam “provas / provações”, “feridas simbólicas / feridas reais e mutilações / cicatrizes e a morte”, eventualmente, o advento dessa morte eventual é provido de Sentido, pois as sociedades arcaicas dispõem de uma “pedagogia da morte”, como mostrou Thomas. Há, portanto, uma coerência simbólica de ação nessas “sociedades holistas”(Dumont). Entretanto, nas “sociedades urbano-industriais”, com a laicização, as “religiões políticas” (Aron) e a instauração do “projeto de *Entzauberung*” (“desencantamento de mundo”) - advindo com o “espírito do capitalismo” e suas “racionalizações” em nível de economia, de sociedade (burocratização da vida social), de cultura e de personalidade, como com Max Weber salientou Habermas, essa “unidimensionalização do homem” proscreve a tradição e a afetividade como orientação da ação social, pois juntamente com a organização racional do trabalho acontecem as “racionalizações secundarizantes”. Estas que a psicanálise de Freud mostrou na construção repressiva da cultura, aliás construção de *Thanatos ou pulsão de morte*, a que Róheim, com a “teoria do trauma ontogenético nas origens da cultura”, deu magníficos desenvolvimentos -, de certo modo aliado ao “projeto iluminista” da Deus-Razão e dos direitos humanos e de cidadania, nessa atmosfera de exorcismo da sensibilidade, da paixão, do alógico, de *pathos e pothos*...pelo espírito prometeico-fáustico que então canalizava a agressividade e a violência no sentido da construção do capitalismo, do homem burguês e das “experiências burguesas”. Enquanto se acreditou - antes da Decadência “fin-de-siècle”, a Sombra Coletiva da então Modernidade - na “primavera industrial”, agressividade e violência foram “canalizadas” *produtivamente* (vale dizer, o “princípio do prazer” foi substituído não só pelo “princípio de realidade”, mas numa confusão ideológica entre razão e racionalismo, entre razão técnica e razão política, mostraram Marcuse e Morin, tornou-se a realidade no “princípio do rendimento”) e quando explodiam ou ameaçavam explodir às margens e nos interstícios, como nos “duelos estudantis” e no instituto do *Mensur*, eram canalizados - mas não sem dificuldades... - nas confrarias estudantis que “cultivavam o ódio” e “acariciavam as cicatrizes” como viáticos da experiência burguesa de ascensão social e “paginação” (Le Goff) da “destruição” (Weiss). Perdêramos, entretanto, o respaldo das pedagogias iniciáticas e das pedagogias da morte (agressividade e violência), da agressividade violenta, das provações, da purificação moral, da guerra, do sentido educativo (pedagogos como Paulsen, teólogos como Harnack etc.) contido no *Mensur*... mas experiência vivida também da ética do companheirismo e da intimidade, do “tribalismo” contido nesses institutos. Remetemos o leitor ao indispensável texto de Peter Gay, “O Cultivo do Ódio”. Diz o autor:

Ao oferecer camaradagem e ocasiões para regressões coletivas, os Corps e as Burschenschaften funcionavam como antídotos para a ansiedade adolescente, a solidão, e muitas vezes o isolamento assustador, e como alívio para os estudos, vistos como uma disciplina árida e repetitiva...A adolescência, na moderna cultura de classe média, com certeza, é uma época tempestuosa, excitante e

excitada. É tempo de testes e de experimentação, um tempo que volta a encenar os dramas e revive as paixões infantis. Os sentimentos sexuais agressivos que a criança aprendeu a encarar como impróprios e perversos, sentimentos que são colocados além da consciência, agora retornam, quase literalmente com uma vingança. O comportamento expressivo, desajeitado, violento, muitas vezes irracional, dirigido contra todos, inclusive contra si mesmo, parece menos uma escolha do que um destino. A maturação fisiológica permite que as fantasias de triunfos sexuais passem de fúteis e vagos sonhos a possibilidades precisas e acessíveis. O mesmo é verdade para a agressão: a rebelião contra a autoridade paterna, impossível, quase impensável, nos anos infantis, agora parece estar ao alcance do adolescente. Mas as visões grandiosas de onipotência e de supremacia são sombreadas pelo assustador pesadelo do fiasco. E assim as novas forças do adolescente se tornam uma fonte de conflitos e de ansiedades, bem como o desejo de reter objetos de amor infantil teimosamente se confronta com o desejo de se livrar deles, e a agressão é tecida na textura de florescentes fantasias sexuais... Dessa perspectiva o Mensur parece ter sido brilhantemente concebido para enfrentar as devastações da puberdade. Sem dúvida, até mesmo na Alemanha, a grande maioria das pessoas, homens e mulheres, tinha de atravessar o campo minado da adolescência sem o benefício de um duelo ritual. Mas então outros ritos de passagem estavam à sua espera, na escola, na família, nas ruas. E muitos desses ritos, fossem eles provas engenhosamente elaboradas ou **trotes violentos**, eram exercícios de rara crueldade impostos ao aspirante a adulto, justificados aos olhos dos que os infligiam como necessários passos através da fronteira da maturidade... Melhor ainda, o Mensur e seus substitutivos infligia dor suficiente para gratificar o mais exigente superego... O Mensur era a codificação da adolescência; era um caminho - não o único, ou o melhor-

para que certos burgueses do séc.XIX regulassem suas agressões. Não chegava a ser uma receita para a maturidade pessoal ou política. Mais do que a maioria dos arranjos sociais que disciplinavam a belicosidade, o Mensur era paradoxal e imensamente instrutivo, nas maneiras contraditórias de cultivar o ódio. Elaborado para conter o espírito de agressividade, estimulava tal espírito: controlava a violência e canonizava-a. (Gay, 1995, p.39-41)



2 Nesse vetor de engendramento da Modernidade/Decadência em seus institutos sobre a agressividade / violência, como nos defrontamos com as ritológicas da pós-modernidade nos âmbitos da cultura, da escola e da profissão?

Com a psicanálise, estabelece-se o nível fundacional da cultura através do *id* num processo de sublimação repressiva - tão bem contextualizado contemporaneamente por Marcuse em “Eros e Civilização”- levada a cabo pelo *superego*; entretanto, nessa anamorfose Freud reconhece a *ambivalência* de todo o processo ao supor, e cada vez mais vinculá-lo, à ação da *pulsão de morte ou Thanatos como princípio*, de tal modo que, opondo-se à *pulsão de vida ou Eros ou libido*, configura-se aquilo que Weiss designou como *destrudo*, ou seja, o *instinto de morte que estrutura a cultura, e a sociedade e sua ação, como instinto de agressividade e de morte através das formações reativas*, como precisou também Róheim. Destarte, com Klein, com Róheim, amor e ódio estão mesclados e, por um lado, respondem pelo caráter de *instauração violenta originária (violência originária) da sociedade e da cultura*, e de seu caráter *tanático (agressivo e mortífero) e entrópico* e, por outro lado, mostram como não se pode esquivar à essa ambivalência da violência originária por meio de uma *supersocialização do homem (Wrong)*, como pretende o oponente “projeto iluminista”, pois a acolhida e o reconhecimento dessa *destrudo* apresenta propriedades verdadeiramente evolucionárias para o homem. Assim como Brown destacou no livro “Vidas contra a morte”: o escândalo é a luta da vida contra a morte, pois o universo é entrópico e a instauração da sociedade e da cultura não pode elidir a presença da *destrudo, da violência originária ou “essencial”* (Girard), portanto da agressividade e da violência e da morte, em suma conectadas no *instinto de dominação*, reconhecido como um dos motores da realização das injunções do “espírito do capitalismo” (seja voltado para a agressão pelo controle da Natureza, seja do Homem, seja pela realização do trabalho competitivo). E tudo isso é regido por *Thanatos ou pela pulsão de morte e pelo comportamento agressivo*. Reconhece-se, portanto, como ineludível no âmago da cultura e das organizações sociais e grupais, nas atividades e produções, a *“presença de uma capacidade de ser agressivo”*, como diz Sandler, funcionando *“em diversas circunstâncias, mobilizada por qualquer coisa desagradável experimentada, seja ela pressão externa ou impulso interno”* (Gay, p.535).

No âmbito da organização da Cidade, a história comparada da ideologia tripartida dos indo-europeus, obra magistral de Dumézil, dentre as funções organizatórias da sociabilidade e das “ordens”, viria reconhecer também a ineludível *função guerreira ou marcial...*; um dos fundadores da moderna sociologia das organizações, Pareto reconhecia na estruturação social uma dinâmica como embate entre as *classes das persistências ou das conservações e a classe da adaptação ou instinto de combinação*, ligando as primeiras ao embate pelo “território” como *função predatória / estruturas de defesa e ataque* e como *função produtiva / estruturas de elaboração e cultura dos alimentos*, ambas entretanto vinculadas ao já referido *instinto de dominação*. Trata-se, portanto, do *estabelecimento de uma polemologia ineludível no âmago da natureza humana: a guerra* (e

portanto a agressividade, a violência, a angústia, a morte, a dominação...) é a mãe de todas as coisas, como longinquamente falara Heráclito.

Biologicamente duas descobertas viriam dar prolongamentos e saturação “positiva” a tais posições: de modo ambivalente, a *fetalização ou neotenia humana*, como veremos; e bem próximo da “revolução biológica”, que aqui não trataremos, a descoberta do *triunic brain* (MacLean, Laborit) e suas implicações, sobretudo do “sistema límbico”- que faz a dinâmica do Inconsciente e de seus princípios adentrarem, estruturando, as relações vinculares pessoais e sociais através daquilo que Morin chamou de *disrupção afetiva e agressiva, que se torna o fundamento do homo demens e do homo violens, que também somos*.

A neotenia humana ou juvenilização é um *processo hipercomplexo* (Morin). Lorenz e Gehlen ensinam-nos que o homem é um *ser aberto para o mundo* (a busca da ampliação do espaço stenoecético), *um especialista da não-especialização, um aprendiz por curiosidade ativa, um lúdico-explorador, um ser permanentemente incompleto e inacabado, portanto, um ser do acaso, da álea, do risco, do perigo (da periclitação), da desordem complexificante, ser ambíguo, ambivalente e crísico, em busca da antropolítica da neg-entropia* (da libido e de Eros), mas que irá se defrontar com a antropolítica entrópica na vida bio-psico-social e na educação (porque aqui, com a neotenia, só é compatível uma *educação negativa ou contra-educação e um imaginário do conflito e da ruptura pela busca de conteúdos não dados por uma educação reprodutora ou “praxeológica” estribada num imaginário da ordem e da segurança e estribados no instinto de dominação*), que irá portanto enfrentar, de início fora, o impacto com a *destruição civilizacional*, e posteriormente intra-grupo, como portadores que seus membros são da *Sombra Coletiva...* portanto potenciais “bodes expiatórios” do coletivo da ordem, pois são acuados a serem “ovelhas negras”. Poderemos ver na antropolítica da *counter-culture* como isso se deu, em termos sócio-culturais e educativos, sobretudo porque tendo a ver não só com a educabilidade e a sociabilidade, mas com a educação e a escola, pois foram “revoltas estudantis como rituais coletivos de iniciação à uma *outra maturidade*”. Mas é importante que se destaque, desde já, e mais uma vez, que a *cenarização mítico-ritual, em ambas as perspectivas, presentificou...a violência originária irreduzível*, mesmo no “modelo da comunidade”. Ao mesmo tempo poderemos ver como, a partir de então, desponta uma *teoria da crise e uma teoria da anomia*, que nos levarão de imediato para as características da atual sociedade e cultura, e culturas escolares e profissionais, da pós-modernidade. Estudamos desde 1982 essa totalização sócio-cultural e grupal como *imaginário do a-estrutural e do anômico*, tendo identificado as *categorias do comportamento organizacional alternativo* e tendo estudado a *presentificação desse universo da angústia* em várias escolas, na esteira de Projetos Integrados, onde sempre se associa à *presença da violência e da agressividade*², *da angústia, da ansiedade, do medo ... e do pânico... envolvendo muitas vezes não “a evitação”, mas o enfrentamento angustiado* (por exemplo, com as gangues de *skin-heads*, de “meninos de rua”, de “galeras”...).

3 Desde meados das décadas de 60 à de 70 assistimos aos movimentos

² Encontramos o grupo do devaneio muscular ou da *myopsyche*, nos “vandalismos” de adolescentes do Colegial da EEPSP. João Pedro Ferraz/Ibirá/SP, ou *imaginário da errância e digressão desordenada*; o *imaginário da derrelição e o imaginário da diabolética*, respectivamente nos mesmos grupos etários do Liceu Pasteur/SP e do Colégio Iavne-Beith Chinuch/SP, textos aos quais remetemos o leitor, pois será um dos públicos de *calouros- e de futuros veteranos...- a ingressarem sobretudo em Medicina, Engenharia e Direito*, cujas “paisagens mentais” assim levantamos “de dentro” e “de fora” das instituições e institutos-regras.



PICASSO, Sonho e mentira de Franco, 1937

contra-culturais e à gestação do que seria a *heterocultura* (Poirier) pós-moderna, uma hibridação entre matrizes sócio-culturais e psico-organizacionais, educativas, provenientes da modernidade, e seus imperativos produtivistas, e as matrizes emergentes como *pseudomorfoses* (Spengler) da tradição, com os “retornos” cíclicos (*riccorsi* de Vico). Vimos se constituírem uma sociedade e uma cultura, com suas instituições, pulverizadas; assistimos à proliferação do *neo-tribalismo* (Maffesoli) apoiando-se nos fenômenos dos *bandos de adolescentes* estudados por Niederhoffer-Bloch - com seus rituais de iniciação à inacabada maturidade e à *entrada na vida* (Lapassade) - e, mais em profundidade, tendo como base a “ontogenia da ritualização de passagem” estudada por Erikson, em suas dimensões sócio-biológicas, psico-culturais e educativo-organizacionais através do *processo de especiação*³ onde a escola é a unidade de base, segundo Erikson. Estudos vários (Rodrigues de Lima, Braun Mont’Alverne, Itmann...) mostraram a *proxêmica* (o espaço físico e o espaço mental) da escola como tendo assim se transformado num *cenário mítico-ritual* agenciando uma *corporeidade outra* / uma *corporação outra* numa nova *ecologia mental* através de *processos e rituais de passagem dos intra-grupos e inter-grupos*, das *classes de idade sobretudo* (daí as provas, exames, os trotes) de que o funcionamento da escola apresentado por Bourdieu ilustra tão bem o *caráter laico-probatório e a conjugação entre violência física e violência simbólica*, através das provas, exames...trotes. Mas nessas novas matrizes pseudo-especiadoras ou tribais de ritos de iniciação à tradição modernosa ou à modernidade tradicional, com os *ritos de passagem e a liminaridade para a pertença*, encontramos a mais ampla contextualização dessa “pseudo-espécie” chamada escola, com suas “tribos”, nas molduras mais amplamente compreensivas da *liminaridade* (Turner e Gluckman) e da *anomia* (Duvignaud e Bourdin) da *sociedade em mosaico* (Lacroix), onde o *vazio institucional* (Lewin e Bourdin) permite que, através dos ritos de passagem como liminaridade (ritos de inversão e ritos de rebelião), na escola como em seus intra-grupos “tribos”, venha se liberar a *destrudo* e a gama de agressividade, violência e desordem que consigo ela carrega, de tal modo que os “*templos de cultura*” se tornam *cenários mítico-rituais para catarse das formas da destrudo*, fundamentalmente marcadas nos momentos, nos ritos e nas cerimônias de passagem...da adolescência caloura à maturidade veterana. Especifiquemos alguns pontos, retomando trechos que já dissemos alhures:

A anomia, conforme os trabalhos de Lacroix, situa-se nas molduras

³ A constituição sócio-cultural de “pseudo-espécies” equivalentes às biológicas, com as propriedades de criação de um peculiar estilo de seleção e admissão baseado no enclausuramento, nos mecanismos de defesa do “in-group” como membro e de exclusão através das “estratégias do preconceito” (Taguieff : antropofagia e antropoemia) dos considerados “out-group”, numa produção, portanto, de alteridades e de outros; o acesso será tanto mais probatório e permeado de violência, assim como a luta contra “os outros”, quanto mais prestigiosa for a “pseudo-espécie” / tribo / grupo / bando / gangue etc. e tanto maior for o “vazio institucional”.

de uma teoria da crise, que também é uma teoria do Estado - os momentos de efervescência criadora escandem a história das sociedades-, e fundamentalmente de crise da centralidade social, a qual se dilui sob a ação de dois processos complementares: um de dispersão - o processo que Moles e MacLuhan chamaram de “organização da cultura de mosaico”- e outro de dilatação - a lógica hipocomplexa da homogeneização ou o processo de inflação e turgescência das sociedades afluentes, descritos por Touraine e por Baudrillard. Nesse sentido, “a anomia caracteriza uma forma, e a fundamental no plano das representações, de criatividade social. Implica um triplo movimento de desvendamento com relação ao que as instituições, os valores e as imagens procuram mascarar, de subversão desses modelos pelo comportamento ou a expressão, de livre invenção, de “bricolage”, de criação por ensaio e por erro. Tal forma ou dimensão das crises concerne o centro. São as encruzilhadas da cultura e da ação que são questionadas: ideologias, valores, normas e modos de comunicação. E a anomia só se desenvolve plenamente conquistando o centro por uma generalização das manifestações periféricas "...” A anomia refere-se a uma crise de implosão... afeta o sentido dos atos, sentido esse que deixa de aparecer com clareza; torna impossível a previsão do comportamento de outrem, de que não se sabe mais que esperar; ela despolariza as relações sociais; as hierarquias, as posições e as redes de relações tornam-se instáveis ou inapreensíveis... A anomia provoca a emergência individual e pseudo-especiadora (“tribal”/ grupal) do recalcado e do não-dito, tratando-se, entretanto, do recalcado fundamental, ou seja, de questões que, formuladas, para elas não temos respostas e que, aos poucos, são submetidas ao trabalho da denegação ideológica...

(Paula Carvalho, 1990, p.122-3)

Portanto a anomia é ambivalente, pois propicia o vazio institucional - “ausência generalizada de pontos de referência e de perspectiva...é desordem instituída, essencialmente periférica, na medida em que, mesmo em se podendo tornar um perigo para o centro na eventualidade de se ampliar a toda uma instituição, não acarreta necessariamente a comunicação, mais se afastando dos centros do que visando a atingi-los” (idem, p.125) - e a implosão da destrudo. Mas é também um viático de contestação/revelação das disfunções e disnomias de uma sociedade e de uma cultura e, assim, por exemplo, através da liminaridade e seu modelo de “communitas”, dos rituais de inversão e de rebelião, pode provocar as instituições a falarem o não-dito, tendo assim o efeito de engendrar a dissidência libidinal e, em termos de análise institucional e de pedagogia implicativa (Lapassade, Lourau, Hess), dizemos que ela tem um efeito analisador. Entretanto, como historicamente mostrou de sobejo a contracultura, mesmo nesses casos, foram ativadas a violência e a agressividade, ainda que como defesas contra a agressão do poder externo e estatal...Portanto, mesmo em seu bifrontalismo, o imaginário do anômico e

a-estrutural secreta a violência, a agressão, a angústia...sobretudo porque advindo numa sociedade pulverizada onde a orientação é atribuída, é rateada entre as “pseudo-espécies” (“tribos”, bandos, gangues) de que, lembremos, segundo Erikson, a escola é o modelo / campo exemplar. Nesse momento de perda da totalização, as tribos fazem suas leis...numa atmosfera de anomia e de vazio institucional e, junto à *arbitrariedade tanatocrática da cultura* alimentada pela *destrudo e por Thanatos*, potencia-se essa *arbitrariedade intra-grupos e inter-grupos* na luta pela validação única e excludente dos códigos tribais como normas “universais”: a ação desencadeada é arbitrariamente potenciada pela conjunção entre o autoritarismo e a arbitrariedade, contidos no *instinto ou pulsão de dominação*, que vimos ser uma das expressões da *pulsão de morte*. Como então, nesse universo da entropia positiva, da dominação tanatocrática, da reprodução autoritária ou das *personalidades anômicas*, dos grupos como “tribos”, em suma, como nesse *universo de angústia e de paisagem mental de morte* escandalizar-se com a violência originária emergente num trote? Como esperar aqui uma *autoregulação outra*, por *Eros e pela pulsão de vida*, que é aquilo a que visam as “boas intenções” do “projeto iluminista” através da constituição da cidadania? Como afirma Morin, em “O homem e a morte”, nesse universo o escândalo não é a morte, *o escândalo é a vida...* Por isso o “projeto iluminista”, ao se centrar numa “supersocialização da natureza humana”, numa filosofia da consciência, da vontade e do ego, nas “religiões políticas” (Aron e Sironneau: nazismo, fascismo, stalinismo...e todas as formas de totalitarismo e fundalismo, inclusive o “fundamentalismo econômico” do Brasil atual...), pode não vir a termo com as trevas do inconsciente e da violência originária, com o *Mal*, contra o qual ele luta, como *barbárie*, ficando no domínio da própria *destrudo civilizacional* por inoperatividade de propostas que aprofundem a nada bela natureza humana que aqui emerge como *Sombra Coletiva e retorno de Dionísio / Pã* (Jung e Hillman)...

4 De um modo amplo, o estudante terá seus passos regidos pelos quadros da *burocratização da vida social e por uma pedagogia burocrática* (Lobrot, Ardoino, Hess), que irá regular seus fatores e modos e estilos relacionais, organizados de *modo produtivo e despersonalizado*. Lefebvre, no “Manifesto Diferencialista”, caracteriza esse amplo quadro contextualizador de *projeto de redução generalizada* articulado pela *razão técnica e pela racionalidade técnica e racionalização do trabalho (produtivo e competitivo)*, apontando-lhes os seguintes traços: redução do conhecer ao conhecimento e do conhecimento à informação (perda da formação, portanto); redução da ação e da reflexão aos esquemas operacionais (saber técnico e tecnologias); redução do possível ao provável e expurgo do imaginário e da afetividade (materialismo, agnosticismo e perda da sensibilidade, assim como da “consciência antecipativa” que provê às transformações das estruturas fantasmáticas); redução da álea, do risco, do acaso, da desordem complexificante...(neotenia “pervertida” que permite aqui adentrarem os componentes de *destrudo* da ação, portanto a angústia, a ansiedade, a agressividade, a violência... postas a serviço de um imaginário

da ordem e da segurança, que garantirá o sucesso ético-político e econômico através de uma *deontologia do corpo produtivo e do discurso da competência*); eliminação das diferenças pela repetição (trato destrutado do Outro e monotonia / unidimensionalização / homogeneização entrópica da rotina de vida e de trabalho, abrindo caminho *inconsciente* para as *explosões destrutivas da vida nos momentos das “passagens”*); articulação do projeto tecnocientífico à dominação política (*instinto de dominação e agência/ agentes da tanatocracia*). O estudante e o médico, nessa ampla pedagogia burocrática, tornam-se também burocratas e gestores de negócios de saúde, administradores de infortúnios para o qual não há resposta, como mostraram os estudos de Augé, de Herzlich e de Laplantine, para o *problema e o sentido do Mal*, que estão na origem da Medicina e no trato com os doentes. Mas esse *Mal se presentifica, nas molduras civilizacionais, como presença da Morte e do Tempo*, ao que se tem que reagir, defensivamente fugir por denegação... E como mostram Jaques e Bastide, as instituições e os institutos são mecanismos de defesa potenciados contra tais fatores ansiógenos, vale dizer, *certo conhecimento e certos procedimentos científicos são usados para introduzir um contrapeso contratransferencial à emergência dessa problemática*: Devereux, em “Da angústia ao método nas ciências do comportamento”, mostrou com convicção e peso como as instituições e os saberes são usados nesse sentido sob máscaras científicas, sendo um “ritual de evitação da morte”, que explodirá como violência e agressividade projetada nos ritos de passagem e de adentramento de pertença que são, por exemplo, os trotes: daí a *anomia e a destrudo, em suma, a regência por uma deontologia denegada, e portanto projetada, da morte e do poder tanatocrático*. Para enfrentar esses fatores ansiógenos, e as eventuais explosões anômicas do denegado, não só os momentos dessa permissividade denegada são regulados (nos trotes, provas etc.), mas deve haver escudos mais eficientes e constantes: são eles *a imagem legada do corpo produtivo e o discurso burocrático da competência*. Ambos introduzem as relações impessoais e de dominação como *fatores de relação*... Os trabalhos de Reich (pedagogicamente desdobrados por Schmidt) mostraram, juntamente com os de Le Breton, como cada sociedade produz a imagem do corpo de que carece, e assim a imagem do corpo com a qual lidamos é uma imagem social do corpo, que é uma imagem do próprio corpo social. *Mexer com a imagem do corpo é mexer com a estrutura da sociedade e da cultura*. Os trabalhos posteriores de Douglas, peculiarmente interessando a biólogos e médicos, evidenciam que há uma *ética social e uma deontologia (que podem ser “estratégias de preconceito”)*, uma moral modelando imagem do corpo como se fosse “fato biológico”, na realidade sendo “coisa social”... por sob a cientificidade, um moralismo defensivo... Assim, tocar na imagem (social) do corpo é tocar na sociedade e na imagem requerida de sociedade que o engendrou; por isso os perigos e as lutas, como Laplantine evidenciou, com os *sistemas de etiologia e de prognoses*... Ora, sabemos, pelos trabalhos desenvolvidos, que o estudante, o professor e o médico... e o paciente (persuadido pelo *discurso da competência*...) recebem a imagem de um *corpo produtivo, de um corpo em estase libidinal* (Reich), mais regido pelas disnomias e

disfunções que põem a denegada *morte como horizonte*, do que a imagem de um *corpo de amor, de um corpo orgástico*, como se expressa Brown. E o *discurso da competência* (Chauí) será o veículo burocrático, despersonalizador, despótico, “sabido” (e poderoso) dessa retórica da persuasão e da inculcação... dos valores tanatocráticos, quando professores e médicos se permitem o luxo de se relacionar com o estudante e com o paciente sobre suas “razões”... manifestas, porque há uma gama de “ocultas” que defensivamente permanecem na ocultação... Por isso a tendência é a de deter o “saber”... e impô-lo sob a máscara da confiança e da credulidade (não da credibilidade) , mas geralmente sob a violência e agressividade de um silêncio...

Referências bibliográficas

- GAY, P. **A experiência burguesa**, da rainha Vitória a Freud: III. O Cultivo do Ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
PAULA CARVALHO, J.C. **Antropologia das organizações e educação**: um ensaio holonômico. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

